

A LEITURA E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Juliana Barbosa¹, Ilda Maria Baldanza Nazareth Duarte¹ e Vanessa Gnisc¹.

1- Universidade Iguaçu - UNIG

Autor Correspondente:

Ilda Maria Baldanza Nazareth Duarte

E-mail: ilda.duarte@globo.com

RESUMO

Este trabalho objetiva demonstrar a importância da leitura na formação e no desenvolvimento infantil, descrever como a família pode contribuir com o processo de alfabetização e letramento da criança através da interação com a leitura e exemplificar de que maneira a criança associa a fala ao que está escrito, lendo mesmo que ainda não o faça de forma convencional. A leitura exerce um papel fundamental não só na pré-escola, mas também nas demais etapas do processo escolar pela parcela de responsabilidade na formação do leitor. Para a aprendizagem de qualquer disciplina, de qualquer profissão ou simplesmente para se deslocar de um ponto a outro, é importante o domínio da leitura. A prática de leitura faz parte de nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo a nossa volta, o hábito de leitura, contudo, só consegue ter êxito se associado ao prazer, de modo que o leitor sinta-se motivado em contato com formas de comunicação que caracterizam a arte da palavra.

Palavras-chaves: Leitura, Aprendizagem, Prazer.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate the importance of reading in child development and development, to describe how the family can contribute to the process of literacy and literacy of the child through interaction with reading and to exemplify how the child associates speech with what is written, even

though it does not read in the conventional way. Reading plays a fundamental role not only in the preschool but also in the other stages of the school process by the share of responsibility in the formation of the reader. For the learning of any discipline, any profession or simply to move from one point to another, it is important to master reading. The practice of reading is part of our lives from the moment we begin to understand the world around us, the habit of reading, however, can only succeed if associated with pleasure, so that the reader feels motivated in contact with forms of communication that characterize the art of the word.

Key-words: Reading, Learning, Pleasure.

1- INTRODUÇÃO

O processo de Alfabetização e Letramento provoca nos indivíduos envolvidos certa expectativa, por um lado os pais eufóricos para que seus filhos iniciem a escrita ortográfica fazendo o traçado das letras corretamente, lendo de forma que todos entendam, professores planejando, criando situações que favoreçam a aprendizagem do aluno, e por outro o mais importante de todos, a protagonista, a criança, que se apresenta com energia de sobra para brincar e tímido a tantas expectativas. O processo pelo qual ela está envolvida, algumas vezes não é respeitado e acaba por ser atropelado com tantas informações e cobranças, fatores que muitas vezes acarretam na frustração da criança por não corresponder às expectativas.

O trabalho tem como motivação a importância que a leitura tem em minha vida, teve na minha infância, como encanta o meu filho e, enquanto profissional de Educação, testemunho como se torna imprescindível sua prática nas classes de alfabetização, para despertar o imaginário, a fantasia, o interesse pela leitura e sua correspondência na escrita dos alunos.

A pesquisa terá como objetivo demonstrar a importância da leitura na formação e no desenvolvimento infantil, descrever como a família pode contribuir com o processo de alfabetização e letramento da criança através da interação com a leitura e exemplificar de que maneira a criança associa a fala ao que está escrito, lendo mesmo que ainda não o faça de forma convencional.

Discute-se muito que a criança para poder ler, precisa conhecer as letras do alfabeto, porém, até que ela chegue a este nível já se construiu e desconstruiu saberes e conhecimentos diários, ela constrói seu conhecimento confrontando suas hipóteses com as informações encontradas em seu ambiente social, já foi capaz de fazer inúmeras leituras involuntárias, realizou leituras, decodificou imagens e foi capaz de interpretar uma série de coisas que ocorreram em sua volta.

A prática de leitura faz parte de nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo a nossa volta, e nos remete a Freire, (1988, p.11) “[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta (a palavra) não possa prescindir da continuidade da

leitura daquele (o mundo). Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Nesta perspectiva a leitura de mundo da criança antecede o processo de ensino-aprendizagem, é uma prática inerente de cada indivíduo, para a aprendizagem de qualquer disciplina, de qualquer profissão ou simplesmente para se deslocar de um ponto a outro, é importante o domínio da leitura.

A leitura permite ao leitor e ao ouvinte ver o mundo pela ótica do outro, e isso ajuda a criar empatia, tornando os indivíduos mais compreensivos, mais tolerantes e por consequência mais humana, colaborando com o desenvolvimento intelectual e social do sujeito.

O estudo parte das seguintes questões norteadoras: A leitura corrobora com o processo de ensino-aprendizagem? Ao ampliar o repertório de palavras o indivíduo melhora a qualidade de sua escrita? A leitura possibilita uma postura reflexiva perante as várias situações no cotidiano?

Diante dessa proposta, o trabalho terá como referencial teórico os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), autores que abordam a aprendizagem da leitura, suas implicações no processo de ensino-aprendizagem e uma prática que pudesse desenvolver a criticidade dos alunos, como Freire (1988), Soares (1986) no que se refere ao processo de Alfabetização e Letramento, Ferreiro (1999) e Teberosky (1999) no que tange os assuntos sobre Leitura e Escrita, Nelly Novaes (2000) e José Nicolau (2009) abordando temas sobre a Literatura Infantil. A metodologia utilizada foi eminentemente bibliográfica de cunho qualitativo e para melhor compreensão o estudo foi dividido em tópicos e no primeiro abordo os conceitos iniciais de alfabetização e leitura, reflexão assim como aponto os precursores da literatura infanto juvenil.

2- DESENVOLVIMENTO

2.1- Conceitos iniciais de alfabetização e leitura

Segundo o Dicionário da Língua Portuguesa Houaiss (2012, p.474), leitura refere-se ao ato ou hábito de ler; o que se lê; maneira de compreender um texto, uma mensagem, um fato; e o ato de decifrar qualquer notação ou o seu resultado.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs 1998), a leitura possui uma função de extrema importância no ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que a partir do desenvolvimento da sua competência leitora esse aluno poderá tornar-se proficiente em todas as disciplinas.

Durante o processo de alfabetização a criança precisa estar em contato com diferentes portadores de informação, que a aproximem ao ato da leitura seja ela compartilhada ou individualizada, em que possa escolher suas leituras, compartilhar suas hipóteses e trocar informações. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN de Língua Portuguesa 1998; p. 17) ressaltam a importância do professor permitir que também os alunos escolham suas leituras.

Fora da escola, os leitores escolhem o que leem. “É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás”.

Escritores e pesquisadores como: Freire (1988), Soares (1986), Teberosky (2003) e ferreiro (1999) compartilham da mesma ideia, que do ponto cognitivo e linguístico para aprender a ler e a escrever é preciso fazer a relação entre os sons e as letras, dos sons com os grafemas. As crianças precisam estar inseridas em ambientes que favoreçam a alfabetização, cercadas pela leitura, ter uma continuidade no processo de alfabetização de forma a se desenvolver, realizando assim o registro dos sons (através da escrita), através das práticas de leitura, tornando-se um indivíduo que participe, reflita, torne-se crítico e autônomo frente as questões sociais.

Pelas recomendações dos PCNs (1998), no aprendizado inicial da leitura a primeira abordagem a ser excluída é aquela que vê a leitura simplesmente como decodificação de códigos. Por causa dessa formação deficitária, temos milhares de leitores que apenas sabem decodificar qualquer tipo de texto, porém não atribuem nenhum sentido a eles. Cabe ao professor permitir e incentivar diferentes leituras do mesmo texto, ou seja, realizar um trabalho que faça seu aluno consolidar as estratégias de leitura, confirmando ou refutando suas hipóteses. A verificação dessas estratégias possibilitará ao professor avaliar o sentido constituído pelo aluno. Assim, o desafio a ser driblado é:

Para tornar os alunos bons leitores - para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler (e também ler para aprender) requer esforço. Precisar fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que, conquistado plenamente, dará autonomia e independência. Precisar torna-los confiantes, condição para poderem se desafiar a "aprender fazendo". Uma prática de leitura que não desperte e cultive o desejo de ler não é uma prática pedagógica eficiente (PCN de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª Série, 1998; p. 17).

O leitor deve ter noção de que ao se ler é possível refutar ou confirmar as informações que ficaram claras ou não. Para isso, ele deve possuir condições ao iniciar sua leitura de construir hipóteses em relação ao título do texto, além de saber fazer uso de inferências, a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possua do assunto tematizado. Somente uma prática ampla de leitura promoverá um resultado eficiente, pelo contato constante com os mais diversos textos que facilitarão esse ensino-aprendizagem.

Segundo Ferreira (1996, p.24) O desenvolvimento da alfabetização ocorre, sem dúvida, em um ambiente social. Mas as práticas sociais assim como as informações sociais, não são recebidas passivamente pelas crianças.

A aprendizagem de uma língua acontece inicialmente no contexto familiar, meio em que adultos e crianças interagem naturalmente. Os diálogos se baseiam principalmente em intenções específicas - questionar, dar ordens e fazer pedidos - em que predominam certas estruturas de frase, como as perguntas e as colocações imperativas da criança.

Devemos ler para as crianças não só porque elas ainda não são leitoras autônomas, mas também porque a linguagem dos livros é diferente da que se produz em uma conversação - ela tem maior densidade lexical e diversidade de construções, uma prática que leva a reflexão.

Observa-se que nas concepções de Freire (1979, p.35) “o homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Sua reflexão sobre a realidade o faz descobrir que não está somente na realidade, mas com ela”.

2.2- Literatura e reflexão

A leitura é uma das formas mais efetivas do conhecimento, a pessoa que lê conhece sua própria realidade e pode agir de forma consciente sendo capaz de transformá-la.

A literatura infantil é um tipo de texto destinado à criança, está intimamente ligada à imaginação, ao encanto pelo mistério, pela fantasia, pela possibilidade de viajar sem sair do lugar. Quanto mais cedo ela for inserida neste ambiente, mais cedo ela estará apta a se construir quanto leitor e a literatura infantil torna esse processo mais lúdico.

Os primeiros livros ilustrados para criança surgem na Europa no século XVI, com um enredo complexo para o universo infantil, passando por transformações e adaptações nos séculos seguintes. A partir do século XIX a criança passa a ser vista como criança, a ser o centro das atenções e a literatura voltada para elas passa a receber um cuidado ainda maior, autores como La Fontaine e Charles Perrault escreviam suas obras, enfocando principalmente os contos de fadas, a literatura aparece com um novo formato, simplificando os exemplos paternalistas, de certo e errado, tornando o texto mais próximo ao imaginário infantil expressando valores humanos e atemporais.

Por anos no Brasil a literatura infantil teve um caráter pedagógico limitado a uma classe privilegiada e mais letrada, uma vez que os livros viam de fora e boa parte escrita em outros idiomas, as classes mais populares não tinham acesso à escrita e à leitura, o contato mais próximo com a literatura ocorria por meio da narrativa oral mantida pela tradição dos adultos.

De lá pra cá, a literatura infantil se modernizou foi ocupando seu espaço e apresentando sua relevância. Com isto, muitos autores foram surgindo, como Hans Christian Andersen, os irmãos Grimm e Monteiro Lobato, imortalizados pela grandiosidade de suas obras, expandindo assim, a produção de livros infantis.

No Brasil além de Monteiro Lobato, outros escritores como Ziraldo, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira e Ruth Rocha também se dedicam ao público infantil, retratando a vida, sentimento e a voz da criança em seus livros. Segundo Gregorin Filho (2009, p.37) essa trajetória da construção da literatura infantil no Brasil em relação a alguns dos principais fatores histórico-sociais pode ser resumida no seguinte quadro:

Quadro 1: A literatura infantil e juvenil no Brasil

Fonte: Adaptado pela autora.

PRECURSORES (Brasil-Colônia até a década de 1920)	MONTEIRO LOBATO (Década de 1920 a meados da década)
A literatura reflete todas as principais tendências da Europa; Literatura de cunho humanista dramático; Literatura como instrumento pedagógico (também reflexo de padrões europeus); fábulas, contos de fada maravilhosos, novelas de aventura e de cavalaria; Nacionalismo com ênfase na vida rural; culto da inteligência; moralismo e religiosidade EXEMPLARIDADE E DOCTRINAÇÃO	Era Getuliana e esforço para reconstrução; Expansão da literatura em quadrinhos; Tradição em conflito com o Modernismo; Antagonismo entre Realismo e Fantasia; Formação do Teatro Infantil (1950); Expansão dos meios de comunicação de massa (1960); LDB(Lei n.4.024, de 20/12/1961) ato institucional n.5; Abertura do governo Figueiredo. RELATIVISMO DE VALORES
PÓS-LOBATO (meados de 1980 a meados da década de 1990)	CONTEMPORÂNEO (meados de 1990 até a atualidade)
- Influência de abertura política na concepção de educação; - literatura inquieta e questionadora; - Questões cotidianas e mais realistas; - Apelo à curiosidade do leitor; - Dialogismo está mais presente nos textos para crianças e jovens; - Computador passa a tomar seu lugar nas casas e no cotidiano das pessoas; - Apelo à visualidade. - Experimentalismo	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Lei n. 9.394, de 20/12/1996); - Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) - Temas transversais são inseridos nas propostas curriculares; - Movimentos sociais e de minorias como reação a estereótipos preconceituoso e negativos; - Lei n. 11.645/2008; - tecnologia e múltiplas linguagens; - hipertextualidade - Moral relativa e diálogos com o leitor

Os livros de literatura infantil não são constituídos apenas por palavras, possui a característica marcante da ilustração que dá cor e formas à ideia do texto, ou até mesmo conta uma história por meio de seus desenhos no lugar de palavras, além de outras como o tátil, por exemplo. A ilustração tem o poder de despertar a curiosidade e os sentidos e, por este motivo, é de importância imensurável que elas estejam presentes na inserção da leitura na vida das crianças.

Segundo Camargo (1995) é importante classificar as funções das ilustrações nessa modalidade de obra literária, como:

- a) *Pontual*: a ilustração tem como objetivo destacar aspectos do texto ou assinalar seu início e fim;
- b) *Descritiva*: o texto visual cumpre um papel semelhante ao da função descritiva da linguagem;
- c) *Narrativa*: a ilustração tem a função de narrar, por meio de uma outra linguagem, uma ação, cena ou um outro fato mostrado pela linguagem verbal;
- d) *Simbólica*: aquela ilustração que representa uma ideia; chama a atenção para o caráter metafórico da história;
- e) *Dialógica*: bastante utilizada na literatura infantil contemporânea de qualidade, está presente nas ilustrações que promovem o diálogo com emoções;
- f) *Estética*: o texto visual é construído de tal modo que a atenção do leitor se volta para a maneira que a ilustração foi realizada, é bastante frequente também na literatura infantil contemporânea com a ampliação das possibilidades de construção de projetos gráficos inovadores;
- g) *Lúdica*: função em que a própria ilustração pode se transformar num jogo para o leitor / receptor do texto;
- h) *Tradutora*: é a ilustração auxiliando para explicar o texto verbal de maneira criativa e motivadora para o leitor infantil;
- i) *Imersiva*: bastante utilizada nos suportes hipermidiáticos, ela promove a interação do leitor com a obra.

Para Gregorim Filho "na atividade de leitura o professor pode e deve dialogar com o aluno sobre as relações entre diversas linguagens que compõem a obra, pois a criança educará o seu olhar para as múltiplas linguagens construtoras dos diversos textos nos quais a sociedade está imersa." (Literatura Infantil, 2009, pg.56)

Normalmente a primeira impressão que a criança tem de um livro se dá por meio de suas ilustrações, principalmente as crianças que ainda não realizam a leitura convencional, é através da ilustração que a compreensão do texto acontece, pois ele pode permitir diferentes níveis de compreensão conforme a maturidade do leitor. Talvez não seja exagero dizer que tanto o olhar da criança quanto o do professor precisam ser educados ou despertados a apreciar a arte em conjunto a literatura.

2.3- O incentivo à leitura desde a infância

Favorecer momentos de leitura desde tenra idade contribui para o desenvolvimento infantil, por tornar mais forte o vínculo da criança com o adulto, seja eles seus pais, responsáveis ou professor. A leitura estimula a imaginação, a criatividade e a curiosidade, faz com que vivenciem relações interpessoais, ajuda a compreender e a entender seus desejos, sentimentos e emoções.

Durante o ato da leitura cria-se uma expectativa que é sempre renovada ao longo da leitura, é essa expectativa que conduz o leitor e o faz ler página por página com o desejo de descobrir o que vem na página seguinte, com o pré-leitor ou pequeno leitor isso ocorre da mesma maneira ou de forma mais intensa, a expectativa torna-se uma situação favorável ao aprendizado que para aceitá-lo ou negá-lo a criança deve compreendê-lo. Uma vez participando deste momento de leitura ela começa a fazer suas conclusões sobre o tema, ao compartilhar seu conteúdo inicia o diálogo em um processo de troca podendo aprender e a se desenvolver. E assim, “O homem age conhecendo e se conhece agindo” (LIBÂNEO, apud Placco, 2002 p. 25).

Dar continuidade aos momentos de leitura é muito importante para o processo de ensino-aprendizagem, ao ler, o acesso ao conhecimento é mais fácil, a criança apresenta destreza na escrita, seu vocabulário torna-se melhor e mais amplo. Consequente a este processo a leitura é fundamental para a formação do indivíduo por estimular o conhecimento, melhorar a linguagem, desenvolvendo a concentração, a atenção e o seu raciocínio, estimulando a criticidade frente a suas escolhas.

Durante o processo de ensino-aprendizagem a criança que tem acesso a livros apresenta predisposição a dominar a leitura de imagens, onde estimula o seu conhecimento, a sua mente, e acaba conhecendo as letras, pois ela entra em contato com a escrita. Por ser rica em histórias a literatura infantil disponibiliza as crianças várias formas de aprendizado, ela confronta o imaginário com o real, o certo com o errado, ao familiarizar-se com a leitura a criança passa a explorar o imaginário, as emoções e a criatividade.

E, segundo Assmann (2001, p. 83), por desenvolver as áreas afetivas e intelectuais, a leitura de textos literários, na fase de alfabetização, oferece às crianças a oportunidade de se apoderarem da linguagem, uma vez que a expressão do imaginário as liberta das angústias próprias do crescimento e lhes proporciona meios para compreender o real e atuar criativa e criticamente sobre ele.

Neste contexto, a família pode contribuir com o processo de alfabetização e letramento da criança através da interação com a leitura, tornar sua prática um hábito que deve ser mantido e estimulado diariamente, estar incluído na rotina da criança e na vida de quem lê para ela, pois as crianças também são estimuladas a aprender através do exemplo, ao perceber que o som da voz desse familiar que está lendo, está saindo em função do livro à criança vai reconhecer a importância do mesmo na sua formação como um futuro leitor. Se o adulto demonstrar interesse e prazer pela leitura, a criança será estimulada a sentir esta sensação e poderá gostar ainda mais pois sua capacidade de imaginação é mais intensa.

Criar um ambiente de leitura favorece o interesse e faz com que essa experiência se torne prazerosa. A criança precisa estar à vontade para escolher o título que quer apreciar, ouvir e ler. Conversar com a criança sobre o que ela leu, inventar atividades divertidas sobre o livro, recriar de forma lúdica uma história a partir da que foi lida é algumas das possibilidades de despertar o interesse para a leitura.

A família pode e precisa ser formadora do ato de leitura e exercer esse papel de forma consciente, utilizando o material que se tem acesso como livros, jornais, revistas, materiais de diferentes gêneros. Levar a criança para momentos fora de casa, proporcionar visitas a bibliotecas, livrarias, a espaços em que ela possa explorar sua imaginação, que instigue a curiosidade.

A criança vai se formando como leitor durante seu processo escolar, e a família contribui com seu desenvolvimento criando uma rotina de leitura com ela. Espera-se que o primeiro contato da criança com a leitura seja em casa, através da mãe, pai, avós ou por algum parente próximo, porém a realidade nos mostra que em muitos lares a leitura ainda está no campo utópico, uma realidade almejada e distante de muitas famílias. Como consequência, a escola passa a ser responsável em proporcionar essa aproximação, favorecendo momentos de apreciação, leitura e de escuta a diferentes gêneros literários.

Logo, crianças que não têm acesso aos livros de literatura na escola raramente o terão em outro espaço. Por outro lado, ninguém ignora que quanto mais se lê mais fácil se torna o exercício da leitura, e mais se abrem as perspectivas de elevação do nível de interesse por novos

conhecimentos e aperfeiçoamento cultural. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998, p. 143):

Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida.

Quando a criança ouve ou lê uma história e é capaz de comentar, indagar, duvidar ou discutir sobre ela, realiza uma interação verbal, essa interação ocorre através do confronto de um conhecimento prévio com a informação recebida gerando um novo conhecimento ou reforçando o que a criança já tinha como bagagem. A leitura apreende a realidade de uma maneira mais branda, alegre e com mais afetividade.

2.4- A leitura no processo de ensino-aprendizagem

O processo de ensino-aprendizagem é um sistema complexo de trocas entre professor e aluno, de forma que quem ensina também aprende e quem aprende também ensina, não há ensino sem aprendizagem. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) ressaltam o quão importante é o papel do professor como mediador, durante o processo de aprendizagem e expõe como esse processo deve ser conduzido no primeiro e segundo ciclo do Ensino Fundamental.

No primeiro ciclo do Ensino Fundamental o ensino/aprendizagem da linguagem deve partir da vivência dos alunos, do repertório linguístico que possuem, da cultura que carregam em sua experiência de vida e das várias utilidades que podem fazer deste instrumento, testá-las, confirmá-las e aperfeiçoá-las. (PCN, 1997).

No segundo ciclo, o objetivo é de aumentar o ritmo de leitura e escrita, explorar e ampliar o uso da linguagem, agilizar a organização das ideias e a interpretação do que é lido, desenvolver o gosto pela leitura e sentir-se parte do mundo através da informação, da pesquisa e investigação, da diversão e lazer, da revisão e etc. (PCN, 1997).

A escola precisa deixar de ser o mero transmissor de conhecimento, e a leitura deixar de ser um utilitário na educação, o professor do mundo contemporâneo precisa ser o mediador de leitura e de relações em grupo. Utilizando a literatura infantil como uma ferramenta que

auxilia no processo de desenvolvimento, contribuindo com a construção oral e escrita da criança.

Aprender a ler lendo coisas de ler e não lendo coisas criadas para ler, é um dos principais objetivos do ensino da língua escrita. (Foucambert, 1997). Assim sendo, aprende-se a ler, lendo e a escrever, escrevendo.

Quando a criança está inserida em um ambiente letrado e favorável a alfabetização, o domínio do pensamento é consequência do domínio da linguagem, e aí estará aberta a todas as outras áreas do conhecimento corroborando com o processo de ensino-aprendizagem, onde as crianças poderão ser assumidas como sujeitos críticos e criativos expondo seu entendimento de maneira clara e coerente.

Contar histórias propicia a reflexão, a compreensão, a vivenciar o processo de criação e expressão de quem lê e de quem ouve. Despertando o senso crítico, o hábito de leitura e de escrita colabora com o desenvolvimento da personalidade infantil. A história só atinge seu objetivo quando é apropriada à idade do ouvinte ou do leitor ao qual se direciona, é preciso ter em mente que na fase de desenvolvimento mental, é necessário que as histórias sejam escolhidas de acordo com os estágios psicológicos da criança. Esses estágios correspondem às seguintes classificações propostas por Coelho (2000):

a) *pré-leitor* (dos 2 aos 5 anos): Momento em que a criança tem sua atenção voltada para o que é familiar, ainda não tem competência para decodificar a linguagem oral e escrita. Nessa primeira fase de construção do leitor seu pensamento não acompanha grandes contextos, portanto as histórias precisam ser curtas e com poucos personagens.

b) *leitor-iniciante* (a partir dos 6 anos): período de aprendizagem da leitura, o indivíduo começa a tomar contato com a expressão escrita da linguagem verbal, ou seja, começa o letramento. É a fase da socialização e de racionalização da realidade, o texto deve apresentar frases curtas e os personagens devem possuir traços nítidos.

c) *leitor em processo* (a partir dos oito anos): fase em que a criança já domina o mecanismo de leitura e já tem facilidade em expor seu interesse pelo conhecimento e por desafios, a motivação do adulto ainda é muito importante. Os textos devem apresentar uma narrativa linear, em torno de uma situação central, com frases simples, em ordem direta.

d) *leitor fluente* (a partir dos 10 anos): é a fase em que se consolida o domínio dos mecanismos que o ato de ler envolve fase da pré-adolescência, período de amadurecimento do domínio da leitura. A criança tem grande capacidade de concentração e de reflexão, permitindo a percepção de mundo. Os livros devem ser diversificados e o texto deve apresentar uma

linguagem mais elaborada.

e) *leitor crítico* (a partir dos 12 anos): fase de total domínio do processo de leitura, a capacidade de concentração e de reflexão é bem maior. Fase de desenvolvimento do pensamento crítico.

Importante perceber que o leitor crítico nunca está totalmente pronto, a criticidade é construída durante toda a vida, e para que este fator ocorra faz-se necessário o confronto de ideias, trocas de informações, através de um diálogo dinâmico que é o próprio processo do desenvolvimento humano, e o mesmo só ocorre se os envolvidos estiverem numa posição de compreensão de sua humanização, de respeito frente as questões a sua volta. O conceito de coletivo que aparece em toda a proposta freireana, nos diz que: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 68) a convivência com o diferente é que realmente nos educa.

2.5- A criança na alfabetização

O que é alfabetização? Alfabetização é a decodificação do código escrito. Segundo Soares (2011) "Alfabetização é ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever", um sistema de representação dos sons da fala em grafemas, um processo complexo e abstrato, isso, porque a criança precisa representar através da escrita o que ela está ouvindo ou falando. É importante que este processo ocorra paralelo ao processo de letramento, que por sua vez vai além da alfabetização, é possuir habilidades para utilizar o sistema de leitura e escrita em função social, associando a eles um sentido. Espera-se que o professor tenha esse conhecimento e que compreenda as possíveis dificuldades da criança no desenvolvimento da escrita, reconhecer o erro da criança como uma oportunidade de aprendizado, não valorizando o erro, mas através do mesmo oportunizar o conhecimento, problematizando a questão com a criança e poder entender através de sua explicação a lógica utilizada por ela para chegar a tal resultado.

Quando a criança escreve tal como acredita que poderia ou deveria escrever certo conjunto de palavras, está nos oferecendo um valiosíssimo documento que necessita ser interpretado para poder ser avaliado (...). Aprender a lê-las, isto é, a interpretá-las, é um longo aprendizado que requer uma atitude teórica definida (FERREIRO, 1985, p.16- 17).

Crianças que não passam pelo estímulo do letramento, ficam limitadas às combinações de letras e sentidos que conhecem, tendo dificuldade em entender palavras novas e em interpretar textos. Características de um analfabeto funcional que fazem o uso limitado da leitura e da escrita, indivíduos que não conseguem compreender o que leem ou estabelecer relações entre os textos. Não se pode acreditar que a pessoa por si só descubra como o sistema alfabético funciona, são necessárias intervenções para reflexão, que contribua o quanto antes para a aquisição do sistema de escrita alfabética.

Conferindo a escola a função de formar o leitor, ela precisa efetuar o vínculo entre a cultura de seus alunos e o texto a ser lido por eles, se isso não acontecer o mesmo não se sentirá parte deste contexto, não lhe dando a devida importância.

Sendo assim, o professor como formador deve seguir a três premissas básicas na sua atuação em sala de aula, a fim de garantir a eficiência do seu trabalho. Em primeiro lugar, precisa conhecer seus alunos, quais seus interesses, os pontos a serem investidos, quais as reais necessidades de seus alunos, fazendo um diagnóstico para direcionar sua atuação. Em segundo deve dominar os conteúdos a serem ministrados, realizar leituras prévias, pesquisar e ter o conhecimento do que estará ministrando evitando o amadorismo, que tratando-se de educação é uma característica irrefutável ao professor. Finalmente, é necessário que tenha bem nítida a finalidade educacional que o inspira. A partir daí o professor vai sustentar seu trabalho em objetivos mais amplos: não apenas atendendo as atuais necessidades de seus alunos, mas aguçar a curiosidade para o que ainda está por vir. Só assim as atividades pedagógicas poderão contribuir para a formação de leitores capazes de transformarem a sociedade.

Professores e familiares podem contribuir com este processo, uma excelente experiência para favorecer a alfabetização e o letramento, é estimular o interesse da criança a prática de leitura, aproximá-la ao universo literário.

Abaixo seguem algumas sugestões para contribuir no processo de alfabetização e letramento:

- Realizar rodas de leitura;
- Conversar com a criança sobre o texto, perguntar o nome dos personagens, o que aconteceu com ele;
- Favorecer uma reflexão sobre o que aconteceu na história, pedir a criança que recontar parte do texto;
- Solicitar que a criança reproduza através de desenho os personagens ou o que aconteceu na

história;

- Percebendo que a criança está envolvida nessa construção, pode ser solicitado a ela que escreva o nome de um ou dos personagens.

Dessa maneira a criança estará sendo incentivada de uma forma prazerosa e sem cobranças e expressar sua compreensão do que foi lido. Tendo conhecimento de que nem todas as crianças irão aprender a ler e a escrever vivenciando somente as práticas de leitura e escrita, sendo necessário criar uma rotina de atividades, jogos e exercícios que favoreçam a compreensão, reflexão e assimilação do conhecimento, respeitando as individualidades e o tempo de aprendizado da criança.

Conhecer as hipóteses utilizadas pelos alunos na construção da escrita favorece ao professor aplicar atividades que possibilite avanços nas aprendizagens. Quanto melhor for a compreensão do professor do processo de construção do conhecimento do aluno, mais eficaz será seu trabalho.

Segundo Ferreiro e Teberosky, (1999) no livro *Psicogênese da língua escrita*, as concepções espontâneas que as crianças a partir de três anos de idade elaboram ao pensarem sobre a escrita convencional são as seguintes:

- Uma figura não é para ler, embora possa ser interpretada.
- Para que se possa ler, são necessárias outras marcas diferentes das figuras.
- Para poder escrever, a criança inventa suas próprias letras.
- As crianças consideram que as palavras servem para dizer os nomes das coisas.
- As acham que palavras escritas com menos de três letras ou com letras repetidas não podem ser lidas.
- Trata-se das hipóteses de quantidade e variedade de caracteres (conflito com a escrita alfabética).
- Acreditam, num primeiro momento (hipótese silábica), que basta escrever uma letra para cada emissão sonora.
- As crianças, então, enxertam letras, produzindo uma escrita ora silábica, ora alfabética (hipótese silábico-alfabética).

As crianças atingem a hipótese alfabética quando compreendem que, na escritura, as letras combinadas representam os sons da fala e que essa escritura obedece a regras convencionadas socialmente.

Essa evolução só é possível quando as atividades de leitura e escrita ocupam parte das atividades diárias propostas intencionalmente às crianças pelo professor em situações significativas. A ação pedagógica exige instrumentos claros, precisos, planejados e bem definidos. Essa ação se desenvolve pela dinâmica da prática compartilhada com todos os atores da escola.

2.6- Relato de experiência

Para um acadêmico se tornar um bom professor, necessita não somente do conhecimento teórico, mas de uma boa iniciação ao exercício da prática docente. Com o objetivo de demonstrar essa importância para minha formação, é que relato a experiência vivenciada através de atividade pedagógica realizada com 12 alunos da turma de 1º ano do Ensino Fundamental, de uma rede de ensino privada no município de Nova Iguaçu. Foi realizada 1 aula semanal, compreendendo total de 4 aulas no mês de novembro, com duração de 50 minutos cada tempo de aula.

Especialmente com base nos aportes teóricos de Ferreiro e Teberosky (1999) em que trouxeram novos elementos para esclarecer o processo vivido pelo aluno que está aprendendo a ler e a escrever, o principal objetivo foi exemplificar de que maneira a criança associa a fala ao que está escrito, lendo mesmo que ainda não o faça de forma convencional, possibilitando o aluno desenvolver estratégias para leitura, lendo mesmo que ainda não saibam ler. A problematização inicial partiu do conhecimento prévio dos alunos acerca do repertório de cantigas comum a classe, favorecendo a internalização de suas letras através das rodas cantadas, ilustrações, realização da leitura de sua letra, identificação da frase (verso) na cantiga e organizar os versos da cantiga separada por fichas.

Foram utilizados como recursos rádio, CD com seleção de cantigas, papel pardo, canetinha preta e azul, impressões da cantiga Atirei o pau no gato, impressão da cantiga atirei o pau no gato em fichas, folhas de papel A4.

As atividades assim foram realizadas:

1. Atividade: Escrita acerca do conhecimento prévio dos alunos sobre cantigas de roda.

Metodologia: Roda de apresentação, conversa para obter dos alunos quais as cantigas eles conheciam, como escriba fui anotando no papel pardo que no término da atividade foi preso a parede. Em um segundo momento propus aos alunos a escolha de uma cantiga, para cantar e dança

Os alunos participaram demonstrando interesse e curiosidade, demonstrando conhecer a lettrada cantiga.

2. Atividade: Cantar e ilustrar a cantiga atirei o pau no gato.

Metodologia: Relembrar a cantiga escolhida na aula anterior, cantar com os alunos, posteriormente realizar a ilustração da cantiga.

3. Atividade: Ler mesmo que ainda não o faça de forma convencional a cantiga atirei o pau no gato e identificar um verso

Metodologia: Cada aluno recebeu uma folha com a letra da cantiga, primeiramente realizei a leitura e pedi que fossem acompanhando com o dedo, podendo acompanhar a fala ao que está escrito. Depois todos juntos cantando a cantiga e realizando a leitura.

Como registro identificaram o verso da cantiga com lápis de cor.

Os alunos construíram relações entre o que pronunciam e a escrita correspondente, estive mais próxima a três alunos que tiveram dificuldade em reconhecer o verso, perguntando com que palavra começava o verso e qual era a primeira letra da palavra? No término todos os alunos identificaram os versos solicitados.

A intervenção nesse caso levou o aluno a analisar a primeira letra da palavra para conseguir localizá-la

4. Atividade: Organizar os versos da cantiga Atirei o pau no gato

Metodologia: Cantar com os alunos a cantiga, entregar as cantigas cortadas por versos para que possam ordená-las, os alunos com dificuldade em leitura farão em dupla. Após ordenar os alunos irão colar as fichas em uma folha de papel A4.

Observou-se que os alunos antecipam o que pode estar escrito. Como ainda não dominam o sistema, estão o tempo todo usando informações sobre a escrita do próprio nome, do nome dos colegas ou outros que trazem da própria experiência. Essa tentativa de leitura não é aleatória. Ao contrário, é um trabalho intelectual. A criança compara as palavras, seleciona, olha para todas as pistas e só então verifica o que está escrito.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos um tempo de transformações cada vez mais radicais, ocasionando mudanças necessárias à nossa evolução, mas o que ocorre é que há etapas, na educação, em que as mudanças se dão de maneira acelerada comprometendo o desenvolvimento do indivíduo. A Educação é o caminho mais viável para que a realidade dos cidadãos se modifique, e a leitura é uma das formas mais eficazes do conhecimento sendo indispensável no mundo tecnológico.

O fato de muitos adultos terem tido contato com a leitura em um momento tardio e em momentos de estudo, onde a leitura apareceu como uma ferramenta pedagógica importante, ainda assim, ela não foi eficaz para a formação de leitores. Ler com autonomia pressupõe dominar o sistema de escrita alfabética, compreender como o sistema funciona e refletir como as letras se combinam para formar as sílabas e palavras, neste contexto o professor tem o papel de auxiliar o indivíduo a participar de situações de alfabetização e letramento, levar o aluno a formular hipóteses apresentando suas conclusões com autonomia.

A criança compreende o sistema de escrita na prática de leitura, para que se sinta confortável a ler, é necessário dar condições para resolver problemas, confrontar suas hipóteses e criar estratégias de leitura, que lhe permitam avançar como leitor.

Para que a real formação do leitor ocorra há a necessidade de uma parceria entre a pessoa que lê com o texto, uma simbiose que proporcione prazer e a liberdade para interpretar e a dar significado a vida e a consciência de mundo, que se dará por meio da educação. Não a educação bancária em que só reproduz, mas uma educação que instrua com interesse de formar cidadãos aptos a mudar sua realidade, implicando escolhas e decisões, não uma presença neutra, imperceptível. Neste modelo de educação crítica, amorosa e libertadora a leitura será a protagonista, será através dela que a criança se descobrirá um ser ativo e participativo que não estará no mundo para simplesmente a ele se adaptar, mas para transformá-lo de forma consciente.

4- REFERÊNCIAS

ASSMANN, J, S. **Literatura e alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Introdução. V. UM: Formação pessoal e social; volume três: Conhecimento de mundo. Brasília. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de educação fundamental. 1998.

BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**, Brasília, MEC/SEF.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em 18 de junho de 2017.

CAMARGO, L. **Ilustrações do Livro Infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

COELHO, N.N. **Literatura Infantil**. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRA, A. R. **Ana Teberosky: "O diálogo com a criança deve ser rico em vocabulário"**, 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteúdo/56/Ana-teberosky-fala-sobre-importância-do-acesso-das-crianças-a-uma-rica-linguagem>. Acesso em 20 de junho de 2017.

FERREIRO, E; TEBEROSKY, A. A compreensão do sistema de escrita: construções originais da criança e informação específica dos adultos. In: FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad. Horácio Gonzales. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1985.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GREGORIN F. NICOLAU, J. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

PLACCO, V. M N S. **Formação e Prática do educador e do Orientador**: confrontos e questionamentos. 5 ed. São Paulo: Papirus, 2002.

SOARES, M. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 2º Ed. São Paulo: Ática, 1986.

SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 6º Ed., 2º Reimpressão - São Paulo: Contexto, 2011.

TEBEROSKY, A.; COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever**: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.